

ENSINAR INGLÊS EM TEMPOS DE PANDEMIA

RESUMO

Este trabalho objetiva uma reflexão sobre a pandemia do coronavírus e sobre a forma como ela deve impactar o ensino de inglês. Depois de serem apresentadas informações sobre a pandemia, são destacadas as propostas de três autores para pensar a pandemia, suas causas e consequências: Yuval Noah Harari (2020), Boa Ventura Sousa Santos (2020) e Ailton Krenak (2020). Depois, é apresentada a proposta da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o ensino médio, como um todo, e para o ensino de inglês, especificamente. A Base é o documento mais recente quanto a orientações para o ensino nacional. Por fim, é produzida uma proposta de ensino, que acorda com a reflexão dos autores e com a BNCC. Entende-se que é necessário um olhar globalizante e ambientalista para o mundo, pois cada decisão nacional traz consequências para o mundo todo, o que ficou bastante claro com a pandemia. Tal olhar deve fazer parte também do ensino escolar.

Palavras-chave: Covid-19. Globalização. Ambientalismo. BNCC. Ensino de inglês

TEACHING ENGLISH IN PANDEMIC TIMES

ABSTRACT

This study aims to reflect about coronavirus pandemic and about how it should impact English teaching. After showing informations about pandemic, it will be highlighted three proposes to thinking the pandemic times: Yuval Noah Harari (2020), Boaventura Sousa Santos (2020) e Ailton Krenak (2020). Afterwards, it will be shown Base Nacional Comum Curricular's proposal (BNCC) to high school, as well as the English teaching proposal. The Base is the more recent document to guide brazilian teaching. Then, it will be produced a teaching proposal that agrees with authors' reflections and with BNCC. It is understood that it is necessary a global and environmentalist view to the world, because every national decision makes consequences to the whole world, as it was clear with the pandemic. This view must be parto of school education.

Keywords: Covid-19. Globalization. Environmentalism. BNCC. English teaching

ENSEÑAR INGLÉS IN TIEMPOS DE PANDEMIA

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo una reflexión sobre la pandemia del coronavirus y sobre cómo ella podrá afectar la enseñanza de inglés. Tras la presentación de informaciones sobre la pandemia, se destacan las propuestas de tres autores para pensar la pandemia, sus causas y consecuencias: Yuval Noah Harari (2020), Boaventura Sousa Santos (2020) e Ailton Krenak (2020). Después, se presentará la propuesta de Basis Nacional Común Curricular (BNCC) para la escuela secundaria y para la enseñanza de inglés, en específico. La Base es el documento más reciente sobre directrices para la educación nacional de Brasil. Por fin, se produce una propuesta didáctica que concuerda con la reflexión de los autores y con la BNCC. Se comprende que es necesario mirar de manera global y ambientalista el mundo, porque cada decisión nacional tiene consecuencias para el mundo, tal como observado en la pandemia. Ese modo de observar el mundo debe de ser parte de la educación escolar.

Palabras-clave: Covid-19. Globalización. Ambientalismo. BNCC. Enseñanza de inglés.

Priscila Finger do Prado[j]



INTRODUÇÃO

No dia 26 de fevereiro de 2020, o Ministério da Saúde confirmou o primeiro caso de Covid-19 no Brasil[1]. Tratava-se de um homem de 61 anos com histórico de viagem para a Itália. Até este dia, eram 20 os casos suspeitos de infecção pelo coronavírus espalhados por sete estados do país. A doença teria surgido na província chinesa de Wuhan em dezembro de 2019. Em janeiro, as autoridades chinesas teriam identificado como a razão da doença um novo tipo de coronavírus. Ainda em janeiro, foram confirmados casos em outros países. Em 11 de fevereiro, a Organização Mundial de Saúde (OMS) decide dar oficialmente o nome de Covid-19 à infecção causada pelo coronavírus[2]. No dia 21 de fevereiro, a Itália registrou sua primeira morte por Covid-19. Com o aumento de casos na Itália, no Irã e na Coreia do Sul, a OMS já previa uma pandemia. Em 29 de fevereiro, os EUA já tinham sua primeira vítima fatal. Em 8 de março, já havia mortes confirmadas no continente africano (Egito) e na América do Sul (Argentina). Em 11 de março, um mês depois de dar nome à infecção causada pelo coronavírus, a OMS declarou a doença causada pelo Covid-19 como uma pandemia. No último dia de maio de 2020, o Brasil já registrava mais de 500 mil casos e acumulava quase 30 mil mortes[3], enquanto o ministério da saúde somava duas semanas sem ministro e dois ministros caídos.

É difícil tirar qualquer conclusão sobre como a pandemia irá mudar nossa forma de ver o mundo. As decisões de alguns governantes mundiais se provaram mais acertadas do que as de outros, como mostra um artigo recente da colunista Avivah Wittenberg-Cox na revista Forbes, comentado em reportagem do site G1[4]. Parece que a primeira boa decisão seria não ignorar ou diminuir o problema. Parece também que confiar na Ciência e em instituições formais de informação também contribuiria. É necessário afirmar isso, porque uma pandemia pode ser mais uma fonte para uma enxurrada de informações equivocadas, as quais confundem a população, que não sabe como agir e acaba por tomar más decisões.

Vários intelectuais do mundo resolveram escrever sobre a pandemia e suas causas e/ou consequências sociais, como Giorgio Agamben, Jean-Luc Nancy, Roberto Esposito, Alan Badiou, Judith Butler, Theodore Dalrymple (Anthony Daniels), Frank Furedi, Han Byung-chul, Daid Harvey, Bruno Latour, Paul B. Preciado, Slavoj Žižek, Noam Chomsky, Naomi Klein, Peter Singer e Paola Cavalieri, conforme destacado em matéria de Úrsula Passos para a Folha de São Paulo[5]. Além desses, três outros intelectuais produziram textos sobre a situação de pandemia e a comunidade global, Yuval Noah Harari, Boaventura Sousa Santos e Ailton Krenak. Buscarei resumir suas propostas aqui, para depois pensar em como a situação de pandemia do Covid-19 pode influenciar a educação e, em especial, o ensino de inglês.

PROBLEMAS QUE BUSCÁVAMOS ESCONDER OU ESQUECER

Na batalha contra o coronavírus, faltam líderes à humanidade - Yuval Noah Harari

Yuval Noah Harari é p.h.D em História pela Universidade de Oxford e professor na Universidade Hebraica de Jerusalém, mas ganhou notoriedade internacional com o sucesso de seu livro *Sapiens: uma breve história da humanidade* (2011). Talvez por sua formação, talvez pelo tipo de abordagem mais ampla já dispensada ao seu best-seller, Harari trata o coronavírus como um problema global, o qual podemos enfrentar através da cooperação, e não da segregação. O autor publicou um ensaio com o título “Na batalha contra o coronavírus, faltam líderes à humanidade”, o qual, no Brasil, saiu pelo selo da Companhia das Letras (2020). Pelo título, já podemos perceber que, para o autor, existem formas mais ou menos corretas de enfrentar uma pandemia. Para Harari, o mundo que enfrenta a Covid-19 não é o mesmo mundo que enfrentou a grande gripe de 1918 (também chamada espanhola), pois, a despeito do crescimento populacional e da maior eficácia dos transportes, temos hoje mais informação, e é exatamente esse o nosso trunfo, desde que sejamos guiados por bons líderes.

Segundo Harari (2020), aprendemos, com a pandemia, que é impossível se proteger fechando permanentemente as fronteiras, mas que é possível trocar informação científica confiável e cooperar com outros países em torno de um bem comum. Para o autor, quando se trata de epidemias, não existe um país ou outro, existe um risco global: “A coisa mais importante que as pessoas

[1] Brasil confirma primeiro caso da doença. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46435-brasil-confirma-primeiro-caso-de-novo-coronavirus>. Acesso em: 1 jun. 2020.

[2] Cronologia dos principais momentos de um surto na China que evoluiu para pandemia global. Disponível em: <https://sicnoticias.pt/especiais/coronavirus/2020-03-16-Cronologia-dos-principais-momentos-de-um-surto-na-China-que-evoluiu-para-pandemia-global>. Acesso em: 1 jun. 2020.

[3] Brasil registra 29.314 mortes e 514.849 casos confirmados de Covid-19, diz Ministério. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/05/31/brasil-tem-29314-mortes-e-514849-casos-confirmados-por-covid-19-diz-ministerio.ghtml>. Acesso em: 1 jun. 2020.

[4] Coronavírus: por que países liderados por mulheres se destacam no combate à pandemia? Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/04/22/coronavirus-por-que-paises-liderados-por-mulheres-se-destacam-no-combate-a-pandemia.ghtml>. Acesso em: 1 jun. 2020.

[5] Saiba o que grandes filósofos estão dizendo sobre coronavírus. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/04/saiba-o-que-os-grandes-filosofos-estao-dizendo-sobre-coronavirus.shtml>. Acesso em: jun. 2020.

precisam compreender sobre a natureza das epidemias talvez seja que sua propagação em qualquer país põe em risco toda a espécie humana (2020, 32%). Dessa perspectiva, quando os países cooperam entre si, estão, na verdade, contribuindo para a humanidade como um todo, só que muitos líderes ainda não entenderam a situação. Esse não entendimento da situação pode ser intencional ou não, já que temos visto a negação de importantes conquistas da ciência por parte de líderes de grandes nações, toda vez que a ciência entra em desacordo com seus projetos políticos e econômicos:

Hoje, a humanidade enfrenta uma crise aguda não apenas por causa do coronavírus, mas também pela falta de confiança entre os seres humanos. Para derrotar uma epidemia, as pessoas precisam confiar nos especialistas, os cidadãos precisam confiar nos poderes públicos e os países precisam confiar uns nos outros. Nos últimos anos, políticos irresponsáveis solaparam deliberadamente a confiança na ciência, nas instituições e na cooperação internacional. Como resultado, enfrentamos a crise atual sem líderes que possam inspirar, organizar e financiar uma resposta global coordenada (HARARI, 2020, p. 47).

Harari destaca que não se enfrenta uma pandemia como a do Covid-19 com xenofobia, isolacionismo ou desconfiança, mas com colaboração internacional e investimento adequado em ciência e informação. A postura de Harari nos faz pensar na importância de nossa função como professores, na luta contra as “bolhas” sociais e as informações falsas, tal como prevê a Base Nacional Curricular Comum. Devido à desinformação e ao negacionismo da ciência e de dados estatísticos, uma crise que já é grande, tende a ficar ainda pior, já que as pessoas não sabem em quem ou no que acreditar e acabam por tomar decisões equivocadas. Um aspecto da proposta de Harari tende a coincidir com a abordagem de Boaventura Sousa Santos, que é esse olhar globalizante e responsável para o mundo, como veremos a seguir.

A cruel pedagogia do vírus - Boa Ventura Sousa Santos

Boaventura Sousa Santos também prestou sua contribuição para refletir sobre a pandemia, suas causas e suas consequências. Boaventura Sousa Santos é professor catedrático jubilado da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e autor de livros como *Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos* (2013) e *Construindo as Epistemologias do Sul* (2018). Neste ano, após observar a ação do coronavírus na população mundial, escreveu o livro *A cruel pedagogia do vírus*, que saiu, no Brasil, pela editora Boitempo. Se o foco de Harari era a informação e a colaboração internacional, o foco de Santos será nas consequências da pandemia para os diferentes grupos sociais e no possível oportunismo do capitalismo em transformar essa crise em mais desigualdade social.

A cruel pedagogia do vírus (2020) está dividido em cinco capítulos: “Vírus: tudo o que é sólido se desfaz no ar”, “A trágica transparência do vírus”, “A sul da quarentena”, “A intensa pedagogia do vírus: as primeiras lições” e “O futuro pode começar hoje”. No primeiro capítulo, ao explicar o contexto em que a pandemia se deu, Santos destaca uma situação de crise normalizada, fomentada pelo neoliberalismo, com o objetivo de “legitimar a escandalosa concentração de riqueza e boicotar medidas eficazes para impedir a iminente catástrofe ecológica” (SANTOS, 2020, p.4-5). Com isso, o autor quer destacar que a pandemia já encontra um cenário ruim, já que por conta de medidas de recessão advindas de políticas neoliberais, muito se deixou de investir em saúde, o que hoje poderia minimizar o problema. Dessa forma, embora cause uma comoção mundial, a pandemia tem alvos privilegiados, que são todos aqueles a quem o capitalismo já marginalizou e que, portanto, não pode “se dar ao luxo” de acatar as medidas sugeridas pela Organização Mundial de Saúde como evitar aglomerações, manter-se em casa com os familiares a uma distância mínima e investir em higiene.

A esse conjunto de pessoas para quem a quarentena da pandemia é dificultada por seu lugar social, Boaventura Sousa Santos denomina “Sul”. Para o autor, a concepção de Sul não tem a ver com um espaço geográfico em si, mas a um espaço-tempo político, social e cultural que representa “o sofrimento humano injusto causado pela exploração capitalista, pela discriminação racial e pela discriminação sexual” (SANTOS, 2020, p. 14). Desse “Sul”, fariam parte as mulheres, os trabalhadores precários, informais (ditos autônomos), os trabalhadores de rua, os sem-abrigo ou populações de rua, os moradores nas periferias pobres das cidades, favelas, etc., os internados em campos de internamento para refugiados, imigrantes indocumentados ou populações

deslocadas internamente, os deficientes, os idosos, os presos e os depressivos. Segundo Santos, cada um desses grupos vive a pandemia de maneira diversa, mas todos estão sujeitos a algum tipo de consequência mais danosa do que a dos grupos privilegiados.

No capítulo 4, intitulado “A intensa pedagogia do vírus: as primeiras lições”, o autor destaca seis lições, a saber: 1. O tempo político e mediático condiciona o modo como a sociedade contemporânea se apercebe dos riscos que corre; 2. As pandemias não matam tão indiscriminadamente quanto se julga; 3. Enquanto modelo social, o capitalismo não tem futuro; 4. A extrema-direita e a direita hiper-neoliberal ficam definitivamente (espera-se) desacreditadas; 5. O colonialismo e o patriarcado estão vivos e reforçam-se nos movimentos de crise aguda; 6. O regresso do Estado e da comunidade. Os três princípios de regulação das sociedades modernas são o Estado, o mercado e a comunidade. Ao apresentar essas lições, ele reitera duas questões principais, que tem a ver com o modelo econômico e político preponderante no cenário global, a desigualdade social e a deterioração da natureza. Tanto a Terra quanto seus seres são explorados, em sua perspectiva, para o enriquecimento de poucos, e em situações de pandemia, isso se torna evidente, de modo que se deveria pensar não só em soluções para esta pandemia, mas sim em soluções para a continuidade do ser humano e de sua casa, o planeta Terra. A perspectiva de Santos, neste sentido, aproxima-se da de Ailton Krenak, o intelectual indígena que selecionamos para destacar o problema da pandemia na perspectiva de um brasileiro.

O amanhã não está à venda - Ailton Krenak

Em seu ensaio intitulado *O amanhã não está à venda* (2020), publicado pela Companhia das Letras, Ailton Krenak analisa a situação da pandemia, relacionando-a ao contexto maior de exploração da Terra e das gentes. Krenak é um importante ativista do movimento socioambiental e de defesa dos direitos indígenas. Durante a Feira Literária de Paraty (FLIP) de 2019, foi um destaque de vendas, com seu livro *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019). No ensaio de 2020, ele questiona a capacidade da Terra de suportar nossa demanda como humanos, já que a riqueza da sociedade depende da exploração dos recursos naturais (o que inclui outros seres vivos) e do trabalho das pessoas. Krenak questiona ainda se podemos nos caracterizar como humanidade, uma vez que a riqueza de uns depende do empobrecimento extremo de outros: “há uma sub-humanidade que vive numa grande miséria, sem chance de sair dela – e isso também foi naturalizado” (2020, 13%).

Desse embate entre natureza e humanidade, parece que não percebemos nossa pequenez e insistimos em objetivos de exploração extremos. Sobre isso, Krenak afirma que a ação do coronavírus tem um efeito discriminatório sobre os humanos que precisamos refletir. A humanidade sobrepôs à natureza um mundo artificial que se alimenta da Terra e encara seus seres e elementos como recursos: “Somos piores que a Covid-19. Esse pacote chamado de humanidade vai sendo descolado de maneira absoluta desse organismo que é a Terra, vivendo numa abstração civilizatória que suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos” (2020, 22%). Na mesma linha do que faz Santos, Krenak divide o mundo em humanidade e sub-humanidade, fazendo parte da primeira um clube seletivo “que não aceita novos sócios”, e da segunda, um grupo de pessoas que fica agarrada à terra, da qual fariam parte caiçaras, índios, quilombolas e aborígenes. Para o autor, a fim de sairmos desta situação de pandemia melhores do que entramos, seria necessário deixar de dividir as pessoas em grupos marginalizáveis, bem como deixar de dividir o ser humano do resto da Terra: “Governos burros acham que a economia não pode parar. Mas a economia é uma atividade que os humanos inventaram e que depende de nós. Se os humanos estão em risco, qualquer atividade humana deixa de ter importância” (2020, 35%).

De formas bem diferentes, é possível encontrar pontos em comum da discussão sobre o ser humano neste momento de pandemia. Harari defende uma colaboração global, uma forma de juntar pessoas que se veem divididas, para enfrentar o problema comum, que é a pandemia. Santos, também numa perspectiva globalizante, nomeia de Norte e Sul globais a forma como se divide a humanidade. Tal divisão vem de um capitalismo que se separa da humanidade e da Terra, como objetivo de manter e até acentuar as desigualdades, enriquecendo uma minoria. Para ele, mesmo que continuássemos a ter o capitalismo como um sistema econômico da humanidade, seria necessário abortá-lo enquanto um sistema social que exclui

e marginaliza a maioria da população mundial. Também Krenak destaca a divisão entre os seres humanos entre si, que gera exclusão social, mas também a divisão entre os seres humanos e o único lugar em que podem viver, a Terra. Ele trata o coronavírus como um problema global, que resulta da forma distorcida com que o ser humano enxerga a Terra e a humanidade.

Para os três estudiosos, a epidemia não é vivenciada da mesma forma por toda a população; também para os três esta pandemia não se mostra como única em nossa história, podendo surgirem outras mais letais; e ainda para os três a única forma de enfrentar este e outros problemas da humanidade é a partir da colaboração entre os povos, buscando formas menos abrasivas de viver na Terra, ou seja, nos três há uma perspectiva global e ambientalista.

As questões suscitadas pelos autores nos possibilitam pensar no nosso papel de educadores em situações extremas, como a que ora vivemos, de isolamento social e convívio com a tensão e a morte. Como ser um professor em tempos de epidemia? E, mais especificamente, como ser um professor de inglês em tempos de crise mundial? Para responder a esta questão, apresentaremos a proposta do ensino médio para o ensino de inglês, buscando repensá-la a partir da crise sanitária que vivemos, bem como de suas consequências. Entendemos que temas como a Globalização, a circulação de informação, o investimento na ciência, o respeito à diversidade e ao meio ambiente, assim como a representatividade nos serão temas caros.

O ENSINO DE INGLÊS EM SUA ABORDAGEM MAIS ATUAL NO BRASIL (BNCC)

A Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio, cujo lema é “Educação é a base”, foi publicada em 2018. O documento conta com a Introdução e o capítulo 2, “Estrutura da BNCC”, como partes comuns à BNCC do Ensino Fundamental, para então apresentar o capítulo 5, específico sobre o Ensino Médio, denominado “A etapa do Ensino Médio”, que, por sua vez, divide-se em outras quatro partes: 5.1 A área de Linguagens e suas tecnologias; 5.2 A área de Matemática e suas tecnologias; 5.3 A área de Ciências da Natureza e suas tecnologias; 5.4 A área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. O objetivo do documento é servir de referência nacional comum e obrigatória para a elaboração dos currículos e propostas pedagógicas do país. A BNCC estava prevista em nossa legislação desde a promulgação da Carta Constitucional de 1988, e foi reiterada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996, e pelo Plano Nacional de Educação, de 2014.

A BNCC funda sua proposta no desenvolvimento de competências e habilidades, tal como os Parâmetros Curriculares Nacionais anteriormente. Ela pretende ser um modelo que norteie ações que “contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, socialmente justa e, também, voltada para a preservação da natureza” (BRASIL, 2018, p.8). O documento busca alinhar-se a propostas internacionais de avaliação como a da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que coordena o Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA), e a da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), que instituiu o Laboratório Latino-americano de Avaliação da Qualidade da Educação para a América Latina (LLECE). Além disso, a BNCC propõe a busca da superação “da fragmentação radicalmente disciplinar do conhecimento, o estímulo à sua aplicação na vida real, a importância do contexto para dar sentido ao que se aprende e o protagonismo do estudante em sua aprendizagem e na construção de seu projeto de vida” (BRASIL, 2018, p.8).

Quanto à estrutura da BNCC para o Ensino Médio, como se pôde perceber pelos títulos da quinta parte, é proposta uma divisão em quatro áreas de conhecimento: Linguagens e suas tecnologias, Matemática e suas tecnologias, Ciências da Natureza e suas tecnologias e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. A parte que nos interessa, visto que o objetivo deste artigo é pensar o ensino de inglês em tempo de pandemia, é a primeira, que abrange não só o estudo da Língua inglesa como também da Arte, da Educação física e da Língua portuguesa. Conforme o capítulo 5 da BNCC, para trabalhar com o Ensino Médio, precisamos ter uma concepção complexa e atualizada do que seja a juventude, a fim de oferecer-lhes tanto a oportunidade de ingressar no mercado de trabalho quanto de prosseguir seus estudos e de se constituir como cidadão pleno. O enfoque da área de Linguagens e suas tecnologias está na “ampliação da autonomia, do protagonismo e da autoria nas práticas

de diferentes linguagens, na identificação e na crítica aos diferentes usos das linguagens” (BRASIL, 2018, p. 470).

Sobre o ensino de inglês, o documento propõe compreender a língua inglesa como uma língua de uso mundial, considerando sua multiplicidade e a variedade de usos, usuários e funções na contemporaneidade. O ensino de inglês no Ensino Médio deve, segundo a BNCC, “explorar as utilizações do inglês na cultura digital, nas culturas juvenis e em estudos e pesquisas, como também ampliar suas perspectivas em relação à sua vida pessoal e profissional” (BRASIL, 2018, p.476). Nesta etapa de ensino, é necessário que os estudantes possam expandir seus repertórios linguísticos, multissemióticos e culturais, a fim de desenvolver maior consciência e reflexão crítica das funções e usos do idioma na sociedade atual. Não há uma proposta de currículo para o ensino de inglês, nem matérias julgadas essenciais, o que há são competências que devem ser discutidas e transformadas em currículos pelas equipes pedagógicas.

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS PARA O ENSINO MÉDIO

1. Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo.
2. Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitar as diversidades, a pluralidade de ideias e posições e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.
3. Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.
4. Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-as e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como respeitando as variedades linguísticas e agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza.
5. Compreender os múltiplos aspectos que envolvem a produção de sentidos nas práticas sociais da cultura corporal de movimento, reconhecendo-as e vivenciando-as como formas de expressão de valores e identidades, em uma perspectiva democrática e de respeito à diversidade.
6. Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.
7. Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2018, p.478).

Se a ampliação da autonomia, do protagonismo e da autoria é o enfoque da área de Linguagens e suas tecnologias, as competências apresentam especificidades no caminho que leva o aluno à compreensão de si e do mundo em que vive, de modo a atuar como cidadão crítico e autônomo. Neste caminho, o aluno precisa entender as questões de poder que definem muitos aspectos de sua vida, mesmo que indiretamente e, para isso, precisa reconhecer os discursos que circulam na sociedade. No contexto ocidental, em que o capitalismo tende a guiar não só decisões econômicas, como também políticas e sociais, o discurso hegemônico tende a naturalizar tais decisões, de modo que as pessoas que não tomam as decisões tendem a ver a estrutura social e suas consequências como “inevitáveis”. Para a ação autônoma e crítica que se almeja com a BNCC, é necessário, pois, entender a estrutura da sociedade em que se vive, para poder, de fato atuar nela.

Assim, as Competências específicas de Linguagens e suas tecnologias para o Ensino Médio pretendem fazer com que o ensino seja significativo para os estudantes, demonstrando como o conhecimento adquirido em sala de aula pode contribuir para entender e agir no mundo

A BNCC procura dar liberdade para que as escolas interpretem tais competências, adaptando-as à região em que se constituem, com suas especificidades geográficas, históricas e culturais.

O que parece bom, para quem tenha uma boa formação em organizar assuntos na forma de currículo, pode ficar confuso, para quem sempre foi acostumado a seguir indicações mais diretas. Creio que esse é um ponto de fragilidade no documento, que não prevê a transição entre o sistema de disciplinas cuidadosamente divididas e a proposta de competências gerais. Sua forma final talvez seja uma consequência da pressa com que foi aprovado o documento relativo ao ensino médio, para acompanhar a “Reforma do Ensino Médio”, sancionada em 2017[6].

[6] Brasil. Sancionada lei da Reforma do Ensino Médio. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/02/16/sancionada-lei-da-reforma-no-ensino-medio>. Acesso em: 1 jun. 2020.

Contudo, esta liberdade, se for seguida de formação continuada, pode nos render um ensino significativo. Para tanto, é necessário um trabalho constante de atualização e formação do professor, buscando conhecer aspectos da cultura jovem e de temas de seu interesse, bem como das atualizações teóricas e metodológicas de ensino, a fim de fazer a ponte entre os jovens já vivem e entendem e o que julgamos importante que compreendam para melhor pensar e agir o mundo. Em tempos de pandemia, por exemplo, precisamos estar atentos ao discurso científico e ao modo como a mídia e a arte o apresentam ou o representam. A história pode nos ajudar a compreender como a sociedade lidou com outras pandemias, e como diferentes países e culturas podem apresentar diferenças, embora devam seguir as orientações de órgãos internacionais como a OMS (Organização Mundial da Saúde). Um ensino contextualizado pode nos ajudar a refletir sobre as causas das epidemias em geral e sobre como os diferentes grupos sociais enfrentam seus riscos.

Neste sentido, ao refletirmos sobre a forma como grandes pensadores têm analisado a crise mundial que se estabeleceu com a pandemia de Covid-19, podemos destacar a questão da globalização em sua necessidade de colaboração entre as nações, o que não tem acontecido da parte de muitas nações, como destaca Yuval Noah Harari (2020). Também é possível destacar a desigualdade social que se acentua com o modelo econômico do capitalismo aplicado como um modelo social, para o qual existiriam vidas que importam menos do que outras. A divisão da humanidade entre cidadãos de primeira e de segunda classe faz parte da análise de Boaventura Sousa Santos (2020) e também de Ailton Krenak (2020). A questão social e econômica nos faz pensar em uma abordagem mais ampla, que tem a ver com a forma com que a natureza tem sido vista - apenas como fornecedora de recursos-, assim como as pessoas tem sido vistas - apenas como “mão-de-obra”. Portanto, entram aí temas destacados como a Ecologia e os Direitos Humanos, que direcionam o desenvolvimento das competências pela BNCC.

Nesse sentido, o ensino de inglês que acontece durante ou após a pandemia do Covid-19 precisa articular temas da cultura jovem ao contexto que permitiu a expansão da pandemia, bem como a forma como diferentes grupos enfrentaram (e enfrentam) graves crises como esta. Pensando nisso, propomos uma atividade, que contemple questões amplas, que enfatizem o protagonismo juvenil, o entendimento sobre conflitos de poder entre grupos e o cuidado com a preservação do planeta em que vivemos.

Além da escolha de material e de perspectiva de ensino, é preciso pensar os métodos que têm baseado o trabalho do professor de inglês. Os métodos são as diferentes formas com que se podem ser organizadas as ações práticas do docente. Historicamente, o ensino de inglês se valeu de três métodos principais, [1] o Método da Gramática e Tradução; [2] o Método Direto e o Método Audiolingual. Eles podem ser utilizados no ensino de forma individual ou combinada (FERNANDES; CALICCHIO, 2019). Se os métodos possibilitam a parte prática do trabalho do professor de inglês, a abordagem possibilitaria as reflexões que embasam sua prática: “Na abordagem, evidenciam-se os aspectos teóricos da língua e as discussões acerca de quais seriam os melhores caminhos para que os indivíduos possam adquiri-la” (FERNANDES; CALICCHIO, 2019, p. 16). Atualmente, é comum o embasamento na Abordagem Comunicativa, que se pauta no ensino a partir de competências e habilidades. As quatro habilidades de um falante ou estudante de línguas são ouvir (listening) e falar (speaking), para explorar a oralidade; e ler (reading) e escrever (writing), para explorar a escrita. Dentro da abordagem comunicativa, podemos usar o método audiolingual e o direto para ouvir e falar, e o método da gramática e tradução, para leitura, escrita e análise linguística. Para a construção de uma sequência didática, também é comum a proposta a partir de gêneros, que relaciona a análise linguística ao seu contexto de uso, ou seja, à forma como a sociedade faz uso da língua (MARECO; ASSIS, 2018).

A partir dessas explicações, justificamos nossa proposta de trabalho, destacando que escolhemos um gênero textual de trabalho, o discurso oficial, a fim de trabalhá-lo por uma abordagem comunicativa, em que mais de um método serão utilizados para a sua concretização. A proposta parte do vídeo com o discurso da jovem ativista sueca Greta Thunberg na abertura do Encontro de Cúpula sobre Ação Climática da Organização das Nações Unidas em 2019, quando a menina tinha 16 anos. Na ocasião, a menina confronta o poder de decisão de líderes e governantes no que diz respeito à crise ecológica que vivemos dia a dia, por conta da poluição e do aquecimento global.

A questão ambiental, como destaca Boaventura Sousa Santos (2020), é uma crise grave, mas de progressão lenta, ao contrário da crise gerada pelo coronavírus, que é grave e aguda, exigindo, pois, respostas rápidas dos governantes. Nesse sentido, seria importante não só pensar em soluções para as consequências de situações extremas que pedem respostas rápidas, como a da pandemia de Covid-19 (que podem se repetir), como também de soluções mais amplas para crises também graves mas de progressão lenta, como a poluição e o aquecimento global. Estes contribuem para o agravamento da fragilidade de determinados grupos em relação a outros, também em situações de pandemia. Estamos falando aqui do problema mais geral da continuidade da vida no planeta, que bate de frente com o consumismo e o capitalismo descontrolados de agora. E este é o tema do questionamento da ativista sueca.

Nossa proposta consiste em trabalhar etapas, ouvindo primeiramente o vídeo, depois completando o texto com informações ouvidas do discurso, para depois trabalhar com aspectos de língua e propor uma produção textual. A etapa de compreensão do texto parágrafo a parágrafo permite pensar no teor do enfrentamento proposto por Greta Thunberg e na possibilidade de ação social de jovens brasileiros como ativistas de transformação social. A mesma transformação social pensada pelo documento base do ensino de inglês no Brasil (a BNCC) e por muitos intelectuais que pensam o mundo.

Já no início de seu discurso Thunberg apresenta um tom de indignação e crítica que condiz com seu protagonismo:

Minha mensagem para os líderes internacionais é de que nós estaremos de olho em vocês. Isto está completamente errado. Eu não deveria estar aqui. Eu deveria estar na minha escola, do outro lado do oceano. E vocês vêm até nós, jovens, para pedir esperança. Como vocês ousam? Vocês roubaram meus sonhos e minha infância com suas palavras vazias. E ainda assim, eu tenho que dizer que sou uma das pessoas com mais sorte (nesta situação). As pessoas estão sofrendo e estão morrendo. Os nossos ecossistemas estão morrendo. Nós estamos vivenciando o começo de uma extinção em massa. E tudo o que vocês fazem é falar de dinheiro e de contos de fadas sobre um crescimento econômico eterno. Como vocês se atrevem? Por mais de 30 anos, a ciência tem sido muito clara. Como vocês se atrevem a continuar ignorando isto? (THUNBERG, 2019).

Em seu discurso, a ativista direciona seu discurso para os dirigentes mundiais ali reunidos, para deixar claro que o que fazem não é assunto só de governo, porque as ações destes políticos interferem no destino da humanidade como um todo. Thunberg também destaca o absurdo de ter representantes que não cumprem seu papel de escolher o melhor para a todos, permitindo que adolescentes como ela se afastem da escola para “ficar de olho” em suas ações políticas. A mensagem de Greta Thunberg está afinada aos textos de Harari (2020), Santos (2020) e Krenak (2020), que vimos anteriormente, por pensar as ações políticas dentro do contexto global, já que todos os países, mais ou menos poderosos, dividem a mesma casa, a Terra, embora muitos a explorem como se não houvesse consequências nem para si nem para os outros.

A adolescente está atenta para os motivos que levam os governantes a tomarem decisões predatórias para a vida no planeta: “Nós estamos vivenciando o começo de uma extinção em massa. E tudo o que vocês fazem é falar de dinheiro e de contos de fadas sobre um crescimento econômico eterno”. É interessante a expressão utilizada “contos de fadas”, pois que a economia dos países só cresce a partir da exploração da natureza e do trabalho das pessoas, sendo que esse crescimento é limitado, visto que só

existem uma Terra que se pode explorar. Greta Thunberg aponta outro ponto crucial, também defendido pelos intelectuais citados neste artigo, a importância de investir e de acreditar nos estudos científicos, que apresentam dados sobre a poluição mundial, o aquecimento global e o sofrimento de várias espécies sob a ação do homem, inclusive o próprio homem, quando este faz parte de grupos sociais marginalizados.

As declarações da ativista fazem eco inclusive no comportamento de muitos governantes frente a situações mais extremas como a da pandemia do coronavírus. Muitos políticos adiaram medidas de segurança da população, em nome das perdas econômicas que viriam do fechamento de setores não essenciais da sociedade. Muitos governantes também negaram as recomendações da OMS para lidar com a pandemia. Porém, muitos outros governantes seguiram essas recomendações e tiveram bons resultados, como o caso da Nova Zelândia[7].

O trabalho com o gênero discurso, neste caso representado por uma adolescente que se mostra ciente dos problemas do mundo em que vive, contribui para o acompanhamento do protagonismo juvenil e de questões sobre os Direitos Humanos e o Meio ambiente, tal como propõe a BNCC. De forma contextualizada, o ensino de inglês contribui para que se note a importância de seu alcance (um discurso na ONU), o que pode servir de motivação para a aprendizagem do idioma também fora da escola, visto ser tão pouco o espaço escolar para o ensino de línguas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi apresentar uma reflexão sobre o ensino de inglês durante a pandemia. Para tanto, primeiro apresentamos informações sobre a pandemia de Covid-19 no Brasil e no mundo; depois, apresentamos a reflexão de três importantes intelectuais contemporâneos sobre a pandemia, suas causas e suas consequências para os diversos grupos sociais; logo, apresentamos a proposta educacional para o trabalho com língua inglesa no ensino médio da BNCC; e, por fim, apresentamos uma proposta de ensino que julgamos estar adequada à reflexão anterior.

Neste momento único de nossa história, é importante que pensemos nos diferentes grupos sociais e no futuro do planeta, pois, ao que tudo indica, esta não será a última pandemia a vivenciarmos, especialmente se continuarmos a explorar o planeta como se não houvesse amanhã, e é importante que nossos estudantes estejam a par da complexidade dessa situação, para que possam construir um pensamento e uma ação transformadora.

[7] Nova Zelândia anuncia que eliminou o novo coronavírus do país. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/06/08/nova-zelandia-anuncia-que-eliminou-o-novo-coronavirus-do-pais.ghtml>. Acesso em: 1 jun. 2020.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Curricular Comum**, 2018.

FERNANDES, Fábio Gonçalves; CALICCHIO, Fátima Christina. **Prática de ensino da língua inglesa I**. Maringá: UNICESUMAR, 2019.

HARARI, Yuval Noah. **Na batalha contra o coronavírus, faltam líderes à humanidade**. Trad. Odorico Leal. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MARECO, Raquel Tiemi Masuda; ASSIS, André William Alves. **Prática de ensino da língua inglesa II**. Maringá: UNICESUMAR, 2018.

SANTOS, Boaventura Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. São Paulo: Boitempo, 2020.

Artigo recebido em: 28 ago. 2020. | Artigo aprovado em: 29 out. 2020.

[i] Graduação em Letras pela UFSM. Mestrado em Letras pela UFSM. Doutorado em Letras pela UFPR. Professora no Departamento de Letras da UNICENTRO.
ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4240-6837>
E-mail: priscilletras@yahoo.com.br